

Building the way

**A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO
CONTEXTO ESCOLAR: O QUE DIZEM A LITERATURA E OS DOCUMENTOS
OFICIAIS**

**VARIATIONIST SOCIOLINGUISTICS AND LINGUISTIC PREJUDICE IN THE
SCHOOL CONTEXT: WHAT THE LITERATURE AND OFFICIAL DOCUMENTS
SAY**

Regina Celia Carvalho

Graduada em Letras pelo Centro Universitário Newton Paiva (Newton)
reginaceliaalves26@gmail.com

Andreia Márcia da Silva Lopes

Graduada em Letras pelo Centro Universitário Newton Paiva (Newton)
andreialopes.silva28@gmail.com

Nildene de Oliveira Souza

Graduada em Letras pelo Centro Universitário Newton Paiva (Newton)
nildene@yahoo.com.br

Ana Paula Cavalcanti

Doutora em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal
de Minas Gerais (UFMG)
ana.cavalcanti@newtonpaiva.br

Resumo: com base nas teorias de pesquisadores como Ferdinand de Saussure, William Labov, Marcos Bagno e Magda Soares e a utilização de publicações acadêmicas sobre Linguística, Variedades Linguísticas e Preconceito Linguístico, bem como as orientações da Base Nacional Comum Curricular para abordagem das variações linguísticas, este estudo propôs-se a discutir o tema do preconceito linguístico no ambiente escolar, através de uma revisão da literatura de autores da área. Para consecução dos objetivos, realizou-se pesquisa bibliográfica, documental, descritiva e qualitativa, com análises de dados por meio da análise de conteúdo. Dentre os resultados apresentados, as análises das publicações demonstraram que, embora no Brasil exista uma enorme variedade linguística, ainda hoje predomina nas escolas o ensino da língua portuguesa padrão, uma gramática normativa ou “língua culta”, que representa somente uma parte da língua falada no país. Assim, em consequência dessa imposição, segundo os autores analisados, há um conflito entre língua e a norma, resultando daí o preconceito linguístico. Concluiu-se também que os autores não defendem uma substituição integral da variedade falada pelo aluno, mas que a escola e outras instituições voltadas para a educação passem a reconhecer a diversidade linguística e, dessa forma, trabalhar por uma educação linguística que respeite as diferenças e seja inclusiva.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Preconceito linguístico. Ambiente Escolar.

Building the way

Abstract: Based on the theories of researchers such as Ferdinand de Saussure, William Labov, Marcos Bagno and Magda Soares and the use of academic publications on Linguistics, Linguistic Varieties and Linguistic Prejudice, as well as the guidelines of the National Common Curricular Base to approach linguistic variations, this study aimed to discuss the issue of linguistic prejudice in the school environment, through a literature review of authors in the area. To achieve the objectives, bibliographic, documentary, descriptive and qualitative research was carried out, with data analysis through content analysis. Among the results presented, the analyzes of the publications showed that, although there is a huge linguistic variety in Brazil, the teaching of standard Portuguese language, a normative grammar or "cultured language", which represents only a part of the spoken language, still predominates in schools in the country. Thus, as a result of this imposition, according to the authors analyzed, there is a conflict between language and the norm, resulting in linguistic prejudice. It was also concluded that the authors do not advocate an integral replacement of the variety spoken by the student, but that the school and other educational institutions should start to recognize linguistic diversity and, in this way, work for a linguistic education that respects differences and be inclusive.

Keyword: Sociolinguistics. Variationist. Linguistic. prejudice. Schoolenvironment.

Considerações Iniciais

O Brasil é um país-continente, com grande extensão territorial e diversidade cultural, fruto de sua formação com a participação de diferentes povos e raças. Essas diferenças se refletem em vários aspectos da sociedade brasileira, inclusive na forma de falar, marcada por muitos fatores, entre eles a regionalidade brasileira, e as bases sociais da população. Assim, embora a miscigenação tenha contribuído para a construção de uma nação, também fracionou a identidade do povo brasileiro, principalmente com relação ao principal idioma falado no país, que mesmo sendo uma única língua, traz muitas variações.

Essas diversidades na língua são chamadas de variedades linguísticas, e ainda que elas ocorram, existe no país um único sistema linguístico estruturado ou norma culta para definir o que é certo do ponto de vista gramatical. E tudo aquilo que está fora desta norma é visto como mau uso da língua portuguesa. Esta avaliação negativa sobre as muitas variedades de falar a língua, em que uma maneira é vista como superior a outra, por ser diferente e não se enquadrar na "linguagem culta" é identificada como preconceito linguístico.

Building the way

Uma das principais causas do preconceito linguístico é a imposição da norma como padrão, mesmo não havendo uma unidade linguística no Brasil e, sim, uma língua com muitas variações. Assim, o preconceito linguístico é uma realidade em diversas áreas da sociedade, inclusive a escola, seja como construtora dessa modalidade de preconceito.

Há na escola a presença de muitos estudantes com diferentes formas de se expressar e que costumam ser vítimas de práticas como *bullying* e outros conflitos. Considerando, ainda, que as formas como as pessoas falam estão relacionadas a uma construção cultural e social, é fundamental que a escola se constitua como um lugar de acolhimento e de respeito à diversidade, em permanente disposição de desconstruir o preconceito e reforçar o direito de todos à educação.

A questão do preconceito linguístico no ambiente escolar vem sendo tema de muitos trabalhos de grande relevância para a área da educação. E embora a fundamental contribuição dos pesquisadores para mudar essa realidade nas escolas, ainda é possível observar um viés conservador e estigmatizante, que possibilita a continuidade de atitudes e comportamentos que ajudam a manter as condições de desigualdade nesses espaços.

Neste sentido, fazem-se necessárias publicações sobre a temática, a fim de ampliar as informações sobre a sociolinguística e as variantes linguísticas, com vistas a combater o preconceito linguístico nas salas de aula, em busca da superação da desigualdade educacional das camadas populares da sociedade. É importante também conhecer e divulgar a legislação específica sobre o tema, disponibilizada em documentos oficiais, a exemplo das publicações do Ministério da Educação, em especial a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Tanto na origem quanto na manutenção do preconceito linguístico estão a deslegitimação da linguagem de pessoas e a desqualificação das suas características sociais, geográficas e históricas, bem como a desinformação por parte de educadores. Em alguns casos os professores ignoram os conceitos das variedades linguísticas e muitas vezes agem de forma preconceituosos em relação às linguagens desprestigiadas, por não as perceber como parte de um sistema estruturado e coerente, sendo este um obstáculo a um ensino da variedade de prestígio que não pretenda substituir, nem menosprezar, as variedades usadas pelos alunos.

Building the way

Nesta perspectiva, a questão que se coloca para este estudo é entender o desafio proposto para os educadores de ensinar aos alunos a língua portuguesa de acordo com os padrões gramaticais e ortográficos da norma culta ou “variedade de prestígio”, bem como a habilidade de usar essa variedade e a sua própria, de acordo com o contexto. Para isso, a escola e os professores precisam conhecer as diferenças linguísticas, reconhecer que as variedades socialmente estigmatizadas são tão válidas quanto às de prestígio e, dessa forma, ter atitudes positivas e não discriminativas em relação à linguagem dos alunos, não reforçando o preconceito linguístico.

Assim, a pergunta que se coloca para este problema é: **a partir do conhecimento da sociolinguística e das variações linguísticas é possível ao educador colocar em prática as orientações previstas na Base Nacional Comum Curricular e, com seus devidos usos, combater o preconceito linguístico?**

Este estudo teve como objetivo discorrer sobre a importância da sociolinguística para a sistematização de usos de propostas de ensino que visem à ampliação da competência linguística do aluno, desconstruindo o preconceito linguístico. Para tanto, foi realizado um protocolo de revisão de literatura abordando a conceituação da sociolinguística variacionista e o preconceito linguístico; a análise do preconceito linguístico no contexto escolar e, ainda, identificar as orientações da Base Nacional Comum Curricular para a abordagem das variações linguísticas

Quanto à metodologia utilizada, optou-se por uma revisão de literatura com levantamento bibliográfico dos mais conceituados autores a exemplo Ferdinand Saussure - área da linguística, sociolinguística, variedades linguísticas e preconceito-linguístico, William Labov, Marcos Bagno, Magda Soares além da análise documental de trechos da BNCC e PCN que tratam do tema, e da leitura de outras publicações sobre o assunto. Com a finalidade também de atualizar as visões sobre a produção acadêmica, de acordo com o que indicam Prezentszky e Melo (2014), para que a conhecimento científico, ajudando a formular na organização dos caminhos metodológicos e na análise dos dados.

Quanto à abordagem, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que se preocupou em analisar como os autores percebem as raízes, os motivos e os estímulos ao preconceito linguístico no ambiente escolar, bem como formas de

Building the way

203

superação do mesmo de acordo com Minayo (2014), que indica que a abordagem qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com um conjunto de práticas que transformam o mundo visível em dados representativos. Tratou-se ainda de um estudo descritivo, visando identificar os fatores que determinam ou que contribuem para ocorrência do preconceito linguístico, ajudando a aprofundar o conhecimento da realidade e na análise dos fatos, descrevendo-os, classificando-os e interpretando-os (LIMA E MIOTO, 2007; GIL, 2008).

Já a análise dos dados ocorreu através da análise de conteúdo, conforme Moraes (1999) por ser esta a metodologia capaz de descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos, conduzindo descrições que ajudam a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados, caso deste estudo que, por meio da leitura de pesquisas e classificados que teorizaram sobre o tema, trouxe uma visão sobre o ensino da norma padrão nas escolas, as variações linguísticas e suas possibilidades e como elas podem impactar no processo de desconstrução do preconceito linguístico no ambiente escolar.

Considerando a proposta deste estudo, este artigo foi assim estruturado: esta Introdução, que trouxe a contextualização da temática; o segundo tópico, em que foi feito o Desenvolvimento do tema, apresentando as principais obras que trabalham com os conceitos e assuntos abordados e a análise dos dados obtidos; conceituando sociolinguística variacionista e preconceito linguístico, a produção acadêmica sobre preconceito linguístico no contexto escolar, orientações dos documentos oficiais para o trabalho com as variações linguísticas; terceiro tópico que trouxe as Considerações Finais e, por fim, as Referências dos autores utilizados.

Desenvolvimento

Conceituando Sociolinguística Variacionista e Preconceito Linguístico

A linguística é o estudo científico das estruturas da linguagem humana e suas divisões em grupos ou famílias. Seu objeto é a descrição da origem, desenvolvimento, evolução e a comparação dos signos linguísticos, de acordo com seu principal expoente, o cientista suíço Ferdinand de Saussure. As ideias desse autor

Building the way

foram reunidas na publicação intitulada “Curso de Linguística Geral”, uma referência clássica para os linguistas contemporâneos. Ferdinand de Saussure, um pioneiro da área, foi o primeiro linguista a desenvolver estudos inovadores sobre o tema, que tinham como principais abordagens aspectos como a língua, a fala, signo linguístico, significante, significado, sintagma, paradigma, sincronia e diacronia (SAUSSURE, 2012).

204

De acordo com esse autor, a linguística pode ser definida como o estudo científico da linguagem humana, concentrado na natureza, no funcionamento e nos procedimentos de descrição das línguas, priorizando o estudo e a compreensão da língua falada e a maneira como ela se manifesta em determinada época (SAUSSURE, 2012).

Com foco nos estudos da linguagem relacionados à parte oral e verbal, como também na modalidade escrita, a linguística não tem a pretensão de estabelecer normas ou regras de correção para uso da linguagem, como destaca o autor:

Constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais vezes da observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas, passados ou distantes (SAUSSURE, 2012, p. 37)

Com Saussure (2012), a partir do século XX a linguagem começou a ser estudada por um método científico, que passou a observar, descrever o fato e formular hipóteses, resultando em uma teoria científica. Dessa forma, a língua do falante, como parte do corpo social do indivíduo, é objeto de estudo da linguística, sendo fruto da combinação de um código linguístico. E ainda que aconteça de forma individual, a linguística está submetida a leis que regulamentam a comunicação entre os diferentes falantes:

Ao outorgar à ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem situamos ao mesmo tempo toda a Linguística. Todos os outros elementos da linguagem que constituem a fala, vêm por si mesmo subordinar-se a essa primeira ciência, e é graças a tal subordinação que todas as partes da Linguística encontram seu lugar

Building the way

natural. [...] O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo. Outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer a fala, inclusive a fonação (SAUSSURE, 2012, p. 50-51).

A língua é um “sistema de signos que exprimem ideias, sendo comparável à escrita e ao alfabeto, utilizada pela comunidade surda, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares”, entre outros, sendo ela o principal de todos esses sistemas (SAUSSURE, 2012, p. 47). Assim, embora a língua seja um recurso amplamente utilizado para a comunicação entre as comunidades falantes, não é o único meio aceito por elas, podendo ser escrita ou falada, representada oral e graficamente e, assim, expressada de várias formas.

Portanto, conforme esse autor, embora a língua seja um sistema abstrato, de natureza coletiva e psíquica, de signos, pode ser, ao mesmo tempo, instituição e convenção social, um sistema obrigatório aos membros de qualquer comunidade linguística. A representação da língua ocorre por meio de uma manifestação por palavras, que se utilizam de algumas regras e se formalizam em frases (SAUSSURE, 2012).

Para Orlandi (2009), os estudos de Ferdinand de Saussure foram essenciais para a linguística se firmar como uma ciência autônoma, podendo ser definida também como o estudo científico que visa descrever ou explicar essa linguagem, que se distingue do estudo da gramática tradicional normativa. Para ela, a linguística é uma ciência que tem o objetivo de ser descritiva, com base na observação do indivíduo, inserido no seu contexto social e se construindo a partir do estudo dos signos e dos idiomas histórico conforme afirma e está destacado também em estudos de Ferdinand de Saussure.

Entre os ramos de estudos da linguística, algumas categorias se destacam e, entre elas, a sociolinguística que, de forma resumida, pode ser definida como a área da linguística que se dedica aos estudos das relações existentes entre fatos linguísticos e fatos sociais (MOLLICA; BRAGA, 2010).

O termo sociolinguística começou a ser utilizado a partir de 1964 quando o linguista William Labov, professor da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, formulou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no

Building the way

contexto social de comunidades urbanas, intitulado “Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação” (LABOV, 2008).

Labov, a partir de dados coletados em ampla pesquisa, destacava o importante papel dos fatores sociais na explicação da variação e ou diversidade linguística, decorrente de fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude frente ao comportamento linguístico. Esse professor e pesquisador, publicou em 1972, um livro intitulado “Padrões Sociolinguísticos”, em que demonstrou a relação entre um fenômeno diacrônico com outro, sincrônico - a variação linguística (LABOV, 2008).

Para esse autor, as línguas mudam porque mudam; ou seja, as línguas mudam porque não existem línguas e, sim, falantes em carne e osso, vivendo em sociedades complexas, hierarquizadas e heterogêneas e eles, sim, é que mudam as línguas, o que, segundo esse autor, torna impossível desvincular os fatos da linguagem dos fatos sociais (LABOV, 2008).

Labov, o maior nome da Teoria da Variação e Mudança Linguística, propõe o estudo da estrutura e evolução da língua considerando seu contexto social nas comunidades de fala, visando compreender sua sistematização e ampliar a competência linguística. Esse autor defende que nenhuma língua é homogênea, pois segundo ele a língua é um organismo vivo, em constante transformação, de acordo com a necessidade dos seus usuários. Sobre os estudos relacionados às variações nas comunidades de fala, Labov (2008) indica:

A existência de variação e de estruturas “heterogêneas” nas comunidades de fala está certamente e bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. Há um certo mito popular profundamente arraigado entre os linguistas de que antes, mesmo de entrarem em cena existia um grupo homogêneo, de estilo único, que realmente falava a língua (LABOV, 2008, p. 238).

Labov(2008, p. 217) se contrapõe à teoria de Saussure quando este se refere ao conceito de “fala” ou “linguagem”, no qual concebia a linguística como “parte social da linguagem... e ela não existe fora de um contrato social estabelecido entre os membros da comunidade”.

Esse autor, além de considerar os fatos sociais em seus estudos, faz a observação direta de uma mudança sonora no contexto de vida da comunidade na

Building the way

qual ocorre, trazendo em seus estudos uma análise de fatores linguísticos das variantes fonéticas, nas diversas regiões, faixa etárias, grupos profissionais e étnicos. Assim, ao se considerar que a sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre língua e sociedade, o estudo da variação linguística tem sido de suma importância na contemporaneidade no nível do vocabulário, fonológico e discursivo (LABOV, 2008).

Outros autores também definem a sociolinguística. Segundo Mollica e Braga (2010), a sociolinguística é:

Uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA; BRAGA, 2010, p. 9).

Entretanto, de acordo essas autoras as línguas em geral apresentam uma diversidade sobre as quais os falantes adquirem primeiro as variantes informais, de forma sistemática e constante, podendo apropriar-se de outros estilos e gêneros mais formais, o que o aproximará das variedades cultas e da tradição literária. Para as autoras, toda língua, portanto, apresenta algumas variantes mais prestigiadas que as outras (MOLLICA; BRAGA, 2010, p.13).

Já Alkmin (2003) reflete que, por ser a língua o meio com o qual o ser humano expressa suas ideias, da sua geração e da comunidade a qual integra é, também, o retrato do seu tempo. Assim, cada falante é um usuário e um agente que modifica seu idioma, deixando nele as marcas de cada nova situação que surge, sendo por isso um instrumento privilegiado, que projeta a cultura de um povo.

Para essa autora, as mudanças sociais produzem modificações na língua que, por sua vez, incorporam valores sociais os quais podem influenciar ou determinar a estrutura de um idioma e o seu comportamento, o que prova que os valores sociais têm efeitos sobre a língua. É nesta perspectiva que a sociolinguística atua, ao buscar compreender a relação entre linguagem e sociedade, e apresentando o princípio da diversidade linguística (ALKMIN, 2003).

Building the way

A autora destaca, ainda, que a sociolinguística e a linguística não são apenas regras de uma linguagem, mas também as relações de poder que se manifestam através dela. Por ser a sociolinguística uma área que estuda a língua real em uso, é necessário considerar as relações estabelecidas entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da sua produção, pois a língua é uma instituição social que não pode ser estudada fora do contexto da cultura e da história das pessoas que a utilizam para se comunicar (ALKIMIN, 2003).

Sendo assim, por buscar compreender a língua do indivíduo e a sua diversidade, a sociolinguística tem como objetivo observar, descrever e analisar cada falante no seu convívio social, imprescindível para a compreensão da relação do indivíduo com a sociedade, tendo a língua como mediadora (ALKMIN, 2003; MOLLICA; BRAGA, 2010).

Para Soares (2021), embora um grupo de pessoas que utilizam uma mesma língua constitua uma comunidade linguística, isso não significa que essa língua seja homogênea e uniforme. De acordo com essa autora:

À diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade linguística corresponde um processo de diferenciações linguísticas, denominadas variedades linguísticas, diferenciações que podem dar-se nos níveis fonológico, léxico e gramatical (SOARES, 2021, p. 62).

Também Bagno (2015) considera que nenhuma língua é uniforme, e é impensável julgá-la pelo aspecto da escrita da fala e da unicidade. Toda língua humana apresenta variação em todos os níveis estruturais, segundo este autor:

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe e léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2015, p. 27).

Dessa forma, é possível afirmar que não existem línguas mais complexas ou mais simples, e que todas são adequadas às necessidades e às características e

Building the way

igualmente válidas como instrumento de comunicação, conforme também defende Soares (2011):

Graças, pois, a evidência antropológica e sociolinguística, é hoje aceita facilmente por todos, a afirmação dos especialistas de que as línguas são apenas diferentes umas das outras, e que a avaliação de “superioridade” ou “inferioridade” de umas em relação a outras é impossível e cientificamente inaceitável (SOARES, 2011, p. 39).

209

As diferenças e variações do uso da língua pelo falante indicam a construção de uma interação social entre os interlocutores, mas que dependem de vários fatores, segundo indica Calvet (2007):

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de “osga” na região Norte, “bribo” ou “víbora” no Nordeste, e “lagartixa” no Centro-Sul [...] (CALVET, 2007, p.89).

De acordo com Coan; Freitag (2010, p.178), no Brasil somente a partir dos anos 1980 as ciências linguísticas foram aplicadas ao ensino de língua materna, período em que a sociolinguística demonstrou que havia a necessidade de a escola trabalhar com a heterogeneidade linguística, com as diferenças, sobretudo porque a democratização escolar aumentou a presença de alunos com vivências diversas. Segundo as autoras, “a sociolinguística contribui para a nova postura do professor, para a definição de conteúdos e metodologias”.

As autoras, citando os achados de pesquisas empíricas de Labov, destacam o reconhecimento de que há variação na linguagem e de que as pessoas modificam suas formas de falar por motivos diversos, dentre os quais relações simétricas ou assimétricas entre falante e interlocutor; relações de poder e solidariedade; contexto social, a exemplo de casa, escola, trabalho, igreja, vizinhança, além de tópico discursivo (COAN; FREITAG, 2010).

Building the way

Preconceito Linguístico no contexto escolar

Em todas as comunidades de fala existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores, pois uma variedade linguística vale o que valem na sociedade os seus falantes, sendo, portanto, reflexo do poder e da autoridade nas relações econômicas e sociais (GNERRE 1994).

Dessa forma, segundo Gnerre (1994) é possível afirmar que há variedades de maior e menor prestígio nas sociedades em geral, sendo que a melhor maneira de falar e a predominância daquilo que se convencionou chamar de regras do bom uso geralmente decorrem dos hábitos linguísticos de grupos socialmente dominantes, representados por uma “variedade padrão”, um padrão ideal de homogeneidade que se sobrepõe à realidade da variação linguística.

Mollica; Braga (2010) também apontam que algumas estruturas de maior valor costumam receber avaliação positiva e maior prestígio, indicando a existência do preconceito linguístico com relação às variantes da fala, negando-se o entendimento de que o falante, em primeiro momento, se apropria da fala e, posteriormente, se apropria da escrita e das variedades consideradas cultas:

Os sociolinguistas têm-se voltado para a análise dessas relações, e o preconceito linguístico tem sido um ponto muito debatido na área, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo e errado, tomando-se como referência o padrão culto. As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em continuum, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais (MOLLICA; BRAGA, 2010, p.13).

Assim, as autoras indicam que é preciso reconhecer e compreender a língua e sua diversidade, bem como o convívio social do falante, além da necessidade de haver planejamento linguístico de forma a modificar determinadas práticas inadequadas no contexto escolar e, dessa forma, contribuir com a eliminação do preconceito linguístico (MOLLICA; BRAGA, 2010).

De acordo com Moura (1999), ensinar a língua materna pressupõe o conhecimento da realidade linguística dos usuários dessa língua, algo que se tornou essencial tendo em vista a heterogeneidade presente nos espaços

Building the way

escolares, especialmente onde os alunos utilizam variedades linguísticas socialmente estigmatizadas. Para ela, a diversidade ainda desconhecida de variedades não-padrão é que levam os alunos a serem discriminados, bem como seus falantes serem vítimas de preconceito linguístico.

Bagno (2015) alerta que tais preconceitos, juntamente com alguns mitos sobre o ensino de Língua Portuguesa, incluindo aspectos como existir uma única forma certa de falar; de que a fala correta pertence a uma determinada região; de que o brasileiro não sabe português; que o português é a língua mais difícil do mundo, sendo, portanto, necessário consertar a fala do aluno, evitando que ele escreva errado, são questões que reforçam o preconceito linguístico. Para o autor, “é preciso saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes”. Bagno (2015, p. 166)

Bagno (2015) destaca ainda que:

Como a educação de qualidade ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de formas prestigiadas de uso da língua. Assim, tal como existem milhões de brasileiros sem-terra, sem-escola, sem-teto, sem trabalho, sem-saúde, também existem milhões de brasileiros que poderíamos chamar de “sem língua”. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única (identifica com a norma padrão tradicional), existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa “língua” que não é empregada pelas instituições oficiais, pelos órgãos de poder- são os sem-língua (BAGNO, 2015, p. 29-30).

Em resumo, de acordo com Bagno (2015) o preconceito linguístico pode ser definido como sendo todo juízo de valor negativo às variedades linguísticas tidas como de menor prestígio social, acreditando que quem não segue a norma culta escrita e falada está utilizando o português de forma errada. Esse julgamento se refere às variantes mais informais da língua, relacionadas às classes sociais menos favorecidas e às regionalidades e sotaques. Assim, o preconceito linguístico é reforçado por construções sociais e ideológicas que negam a diversidade social, cultural e regional, desrespeitando as diferentes variações linguísticas existentes no país.

Building the way

A produção acadêmica sobre preconceito linguístico no contexto escolar

212

A partir de pesquisa com o uso da frase “*A produção acadêmica sobre preconceito linguístico no ambiente escolar*” foi feito amplo levantamento de dissertações, monografias e artigos que utilizaram pesquisa de campo, em sites como Google Acadêmico, SCielo e repositórios institucionais, de trabalhos relacionados ao tema, apresentando um panorama dos estudos da área. Optou-se por 12 publicações feitas no período de 2009 a 2021, escolhidos aleatoriamente com o uso das palavras-chave “preconceito linguístico” e “contexto escolar”.

A análise dos dados utilizou-se de metodologia descrita por Moraes (1999, p.2) que indica a importância do método, cujas categorizações conduzem a “descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados, num nível que vai além de leitura comum”. O passo a passo obedeceu aos critérios de: a) Preparação das informações; b) Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; c) Categorização ou classificação das unidades em categoria; d) Descrição; e) Interpretação.

Preconceito linguístico no Brasil: panorama sobre todos os temas

Building the way

213

Dados do trabalho:	
1)- Preconceito linguístico- O declínio começa na escola. Maridelma Laperuta Martins; Rosane de Andrade Berlinck; 2011	
Objetivo: Contribuir para a mudança da formação de alunos de educação básica, no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa, de uma perspectiva metalinguística e de gramática normativa, para uma perspectiva de conhecimento e utilização de várias gramáticas, sob a luz da Sociolinguística, com ênfase na questão do preconceito linguístico.	
Resultados: Apesar do preconceito linguístico surgir na sociedade, ele só pode ser combatido por meio da escola. Cabe à escola desmistificar crenças e atitudes preconceituosas sobre a linguagem.	
Metodologia: Pesquisa aplicada com abordagem qualitativa.	
Unidade de análise: Combate ao preconceito linguístico. Desmistificação do preconceito.	Categoria: Preconceito Linguístico.
Dados do trabalho:	
2)- O preconceito linguístico no âmbito escolar brevense. Cherma Miranda Pereira; Celso Francês Junior. 2014	
Objetivo: Apresentar os resultados da pesquisa sobre o preconceito linguístico dentro das escolas na cidade de Breves- Marajó.	
Resultados: Conclui-se, portanto, que a referência para o ensino de língua portuguesa nas escolas ainda é a gramática normativa e que pouco se estuda sobre as discriminações linguísticas ocorridas em nossa língua.	
Metodologia: Pesquisa de Campo qualitativa.	
Unidade de análise: Ensino de Língua Portuguesa.	Categoria: Preconceito Linguístico.
Dados do trabalho:	
3)- Preconceito linguístico e diversidade cultural- Um estudo feito com os alunos do 7 período de letras do instituto de natureza e cultura. Ricardo Diego Cavalcante Ângulo; Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio. 2013	
Objetivo: Analisar as possíveis causas do preconceito do indivíduo não-indígena em relação à cultura e à língua indígena com as quais esse indivíduo tem contato por meio da proximidade geográfica com comunidades de falantes das línguas Tikuma, kokama, Marubo e Mayuruna.	
Resultados: Compreendeu-se que o preconceito linguístico tem crescido e dividido cada vez mais a sociedade. Que cabe à escola fazer com que seus alunos compreendam e aceitem a diversidade cultural. Observou-se uma certa resistência dos alunos indígenas em pronunciar as palavras em sua própria língua, isso reflete o medo da rejeição.	
Metodologia: Pesquisa exploratória qualitativa	

Building the way

Unidade de análise: Diversidade cultural e linguística.	Categoria: Variedade Linguística.
Dados do trabalho: 4) Diversidade linguística e preconceito no contexto escolar: Reflexão a partir da visão de alunos e professores. Karini Luana Gonçalves; Tainá Machado Leal. 2018	
Objetivo: Visou analisar as percepções de alunos e professores acerca da diversidade linguística e do preconceito linguístico no contexto escolar	
Resultados: Foi possível compreender que os alunos têm consciência que as pessoas falam diferentes umas das outras, tendo como principais fatores a questão de o contexto dos estudantes possuir alunos que residem no meio rural; o material didático abarca as temáticas de maneira superficial, necessidade de ferramentas extras para os docentes.	
Metodologia: Pesquisa de campo qualitativa.	
Unidade de análise: Escolas rurais, material didático e falares diferentes.	Categoria: Variedade Linguística.
Dados do trabalho: 5)- Preconceito linguístico nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental. Nagila de Lima Pereira; Germano Ferreira Martins. 2020	
Objetivo: Mostrar a existência do preconceito linguístico no âmbito escolar, questionando quais os reais motivos que levam a essa realidade no contexto escolar.	
Resultado: Mostrou a existência do preconceito linguístico em sala, demonstrando suas consequências negativas na vida cognitiva dos afetados por essa ação.	
Metodologia: Pesquisa qualitativa.	
Unidade de análise: Aulas de Língua Portuguesa. Consequências negativas do preconceito linguístico.	Categoria: Preconceito Linguístico.
Dados do trabalho: 6)- O preconceito linguístico na sala de aula; Naila Lins da Silva. 2009	
Objetivo: Apresentar os objetivos do ensino de língua portuguesa a serem alcançados por alunos do ensino Fundamental extraídos dos PCN.	
Resultados: Muitos alunos não possuem conhecimentos sobre a variação linguística, podendo notar casos explícitos de preconceito linguístico.	
Metodologia: Pesquisa qualitativa.	

Building the way

Unidade de análise: Desconhecimento da variação linguística. Preconceito linguístico explícito e implícito.	Categoria: Variedade linguística.
Dados do trabalho: 7)- A Variação Linguística em Sala de Aula: Uma Proposta de Intervenção Reflexiva Sobre o Preconceito Linguístico. Maria José Oliveira Araujo. 2014	
Objetivo: Visa apresentar uma reflexão sobre os diferentes modos de falar presentes no espaço escolar.	
Resultados: Foi possível constatar, que a variação linguística não passa despercebida pelos alunos e que são vistas como dois extremos: o certo e o errado.	
Metodologia: Pesquisa qualitativa.	
Unidade de análise: Ensino da língua Portuguesa. Percepção da variação linguística.	Categoria: Variação linguística.
Dados do trabalho: 8)- As concepções dos professores sobre o uso das variações linguística e prática de preconceito linguístico em sala de aula no ensino fundamental. Silvio Nunes da Silva Junior. 2017	
Objetivo: Analisar as concepções dos docentes atuantes no primeiro ciclo do ensino básico das escolas públicas.	
Metodologia: Pesquisa qualitativa com pesquisa de campo.	
Unidade de análise: Ensino da Norma Padrão.	Categoria: Gramática normativa.
Dados do trabalho: 9)- Preconceito linguístico na sala de aula de língua materna no 7 ano nas escolas municipais. Leila Amorim Brum.2011.	
Objetivo: Refletir acerca de preconceito linguístico na sala de aula e escola pública.	
Resultados: O educando precisa tornar-se capaz de lidar com as diferenças linguísticas sociais raciais ampliando os seus conhecimentos e respeitando outras culturas.	
Metodologia: Pesquisa de campo de cunho qualitativo.	
Unidade de análise: Ensino público.	Categoria: Preconceito linguístico.
Dados do trabalho: 10)- Preconceito linguístico em sala de aula : - atitudes linguísticas constrangedoras. Aguar Elionai. 2012.	

Building the way

Objetivo: Investigar as atitudes linguísticas do professor em relação ao aluno que levam ao constrangimento e o impedem de desenvolver suas competências.	
Resultados: Atitudes do professor em relação à variante linguística do aluno em sala de aula que reforçam o preconceito linguístico.	
Metodologia: Pesquisa de natureza qualitativa.	
Unidade de análise: Postura do professor. Variante linguística em sala de aula.	Categoria: Variação linguística.
Dados do trabalho: 11)- Preconceito linguístico uma perspectiva do 6 ano do ensino fundamental. Lilian dos Santos Silva; Tania Regina Martins Machado. 2021.	
Objetivo: Levantar discussão sobre preconceito linguístico em relação a variação do ensino da língua portuguesa.	
Resultados: Importância de estimular os alunos ao senso crítico atrelando a literatura escrita, interação social e interpretação de vários gêneros textuais.	
Metodologia: Bibliográfico e descritivo e pesquisa de campo com ênfase quanti qualitativa.	
Unidade de análise: Postura do professor desse nível de ensino.	Categoria: Variação linguística.
Dados do trabalho: 12)-Preconceito linguístico do ambiente escolar. Alene Pereira Araújo. 2017	
Objetivo: Estudar considerações sobre o que é o preconceito linguístico no ambiente escolar.	
Resultados: Comprovou que realmente há uma interferência do preconceito linguístico no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos	
Metodologia: Pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, de cunho qualitativo.	
Unidade de análise: Ambiente escolar	Categoria: Preconceito linguístico.

Fonte: elaborado pelas autoras, com dados pesquisados no Google Acadêmico, SCielo e repositórios institucionais

O levantamento sobre o preconceito linguístico realizado para este estudo, embora seja apenas uma pequena amostragem das várias pesquisas que tratam da temática, em sua ampla maioria apresenta uma realidade escolar que já é apontada por especialistas da área.

Building the way

A totalidade dos 12 trabalhos abordados trouxe alguma questão relacionada ao preconceito linguístico, direta ou indiretamente. Dos títulos dos artigos, 11 tinham “preconceito linguístico” no título. Todos tratavam da temática no contexto escolar e traziam alguma questão relativa ao ensino de português e variantes linguísticas. Foi amplamente abordado o aspecto da norma culta e da gramática padrão como a maior e, muitas vezes, única referência para o ensino da língua portuguesa na escola, embora já haja a compreensão da necessidade de se considerar a diversidade das linguagens no ensino da língua portuguesa.

O tema da escola pública também esteve presente, bem como o esforço que os educadores têm feito para a incorporação das variações linguísticas, inclusive tendo em vista as propostas contidas na legislação, tal como as orientações da BNCC e dos PCN, buscando a superação do preconceito linguístico no ambiente escolar.

Para efeito da categorização das análises do conteúdo dos artigos, buscou-se elencar como eixo central o tema gerador – preconceito linguístico – que foi também o que mais emergiu a partir das unidades de análise. Na sequência, predominou o tema das variações linguísticas e outras, de igual relevância, tais como gramática normativa, linguagens, linguagem padrão, ambiente escolar, comportamento docente e escola pública.

O preconceito linguístico se instaura quando as particularidades da fala dos indivíduos, que fogem da norma – padrão, são interpretadas pela noção de “certo” e “errado” na oralidade. Por tanto é o que vemos nos trabalhos: “Preconceito linguístico – O declínio começa na escola.”(MARTINS, ANDRADE, 2011).” O preconceito linguístico no âmbito escolar brevense.” (PEREIRA, JÚNIOR, 2014), “Preconceito linguístico nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental.” (PEREIRA, MARTINS, 2020).” Preconceito linguístico na sala de aula de língua materna no 7º ano nas escolas municipais.” (BRUM, 2011). “Preconceito linguístico do ambiente escolar.” (ARAÚJO, 2017). Como ponto em comum em ambos os trabalhos as pesquisas se propõem a analisar como estudantes e professores percebem e abordam questões relacionadas ao preconceito linguístico em sala de aula.

Na temática sobre variação linguística, no artigo “A Variação Linguística em Sala de Aula: Uma Proposta de Intervenção Reflexiva Sobre o Preconceito Linguístico”, a autora (ARAÚJO, 2014) cita que a pesquisa visa apresentar uma

Building the way

reflexão sobre os diferentes modos de falar presentes no espaço escolar, buscando conscientizar os professores e alunos sobre a importância de se reconhecer as diferenças, para adotar uma postura sem preconceito linguístico.

Já em “O preconceito linguístico na sala de aula”, para Silva (2009), a variação linguística não ocorre somente no modo de falar das diferentes comunidades, dos grupos sociais marginalizados, mas também se apresenta no modo como cada indivíduo se comporta, mesmo os mais letrados, e percebemos ainda variamos o nosso modo de falar individualmente de maneira mais ou menos consciente, conforme a situação de cada.

Tema abordado também nas pesquisas, citadas e anexadas a cima, temos os seguintes tópicos:

“Preconceito linguístico e diversidade cultural – Um estudo feito com os alunos do 7º período de letras do instituto de natureza e cultura”. (ÂNGULO; BONIFÁCIO, 2013); “Diversidade linguística e preconceito no contexto escolar: Reflexão a partir da visão de alunos e professores.” (GONÇALVES; LEAL, 2018); “Preconceito linguístico em sala de aula: – atitudes linguísticas constrangedoras.” (ELIONAI, 2012); “Preconceito linguístico uma perspectiva do 6º ano do ensino fundamental.” (SILVA, MACHADO, 2021).

Abordando o tema na sala de aula onde a gramática normativa é cobrada como sendo a única correta e de maior valor fica evidente o preconceito com as demais variedades da língua. Para o trabalho intitulado “As concepções dos professores sobre o uso das variações linguística e prática de preconceito linguístico em sala de aula no ensino fundamental.” (SILVA JÚNIOR, 2017) é preciso que cada professor possa analisar as suas atuações diante de cada ciclo escolar, sabendo que há outras normas a serem ensinadas de forma coerente a cada ciclo escolar, a comunicação é o fator social que representa a variação de cada discente em seu convívio.

Diante dos temas pesquisados percebemos que é de grande relevância a mudança de mentalidade para que tenhamos uma educação que possa englobar o aluno no seu convívio interno e externo na escola, valorizando as diversas variedades linguísticas e culturais. Portanto, esta concepção cabe ao docente que tem o papel de

Building the way

apresentar ao aluno as várias formas em que ela apresenta e mostrar o seu valor e importância diante a evolução da língua.

Orientações dos documentos oficiais para o trabalho com as variações linguísticas

219

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)? É um documento de caráter normativo que, segundo caracterização constante no Ministério da Educação (MEC):

Define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2022p. 7).

Com relação ao estudo das linguagens no Ensino Fundamental e Médio, a BNCC propõe que:

Nas competências específicas de linguagem, determina-se compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade expressão de subjetividades sociais (BRASIL, 2017, p. 65).

Considerando algumas das questões apresentadas com relação à sociolinguística contidas no BNCC, em seu texto foram promulgadas as habilidades de Língua Portuguesa sem, entretanto, indicar a seriação, pois dessa forma se “permite orientar possíveis progressões na definição anual dos currículos e das propostas pedagógicas de cada escola” (BRASIL, 2017, p. 485).

Nas competências elencadas na BNCC, a quarta competência trata da importância de o estudante conhecer a heterogeneidade de uma língua, a fim de compreendê-la “como fenômeno geopolítico, histórico, cultural, social, variável,

Building the way

heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza” (BRASIL, 2017, p. 494).

A BNCC orienta que o estudante deva entender a língua nas suas peculiaridades, nas “variedades de registros, dialetos, idioletos, estilizações e usos” (BRASIL, 2017, p. 495), indicando a importância dos fenômenos da variação linguística, para que nos discursos utilizados nas várias situações comunicativas sejam respeitadas as diferenças e variações da língua, de forma a evitar o preconceito linguístico.

No texto da BNCC são elencadas as habilidades necessárias para que os profissionais possam desenvolver e trabalhar em salas de aula, dentre elas a indicação ao professor do uso de textos, a fim de que o aluno possa refletir sobre as diversas formas de linguagem disponibilizadas. Outra habilidade indica, ainda, que o professor deve incentivar que os alunos façam uso das variedades linguísticas, considerando o contexto em que a comunicação se realize, o interlocutor e o gênero do discurso, buscando superar as situações que possam trazer algum tipo de preconceito linguístico (BRASIL, 2017)

Para trabalhar aspectos léxicos e a dialetologia nas referidas habilidades, a BNCC (BRASIL, 2017) indica a discussão com o estudante das variações linguísticas predominantes nas diversas diferentes regiões brasileiras, além da variação geracional, por idade do falante. De acordo com o previsto no documento, há um detalhamento de como trabalhar as três habilidades presentes na BNCC, bem como os seus resultados.

Especificamente com relação aos estudantes de Ensino Médio a BNCC indica que eles precisam:

Analisar e compreender as circunstâncias sociais, históricas e ideológicas em que se dão diversas práticas e discursos, com vistas a compreender a pluralidade dos discursos e produzi-los de maneira posicionada, valorizando e respeitando as individualidades, as diferenças de ideias e posições e pautando-se por valores democráticos, como também atuar de forma reflexiva, cooperativa e empática, sem preconceitos e buscando estabelecer o diálogo (BRASIL, 2017, p. 492).

Building the way

221

No que diz respeito à variação linguística, embora as competências e habilidades definidas no BNCC indiquem os campos de atuação social e seu aprofundamento, além da análise e da reflexão sobre a língua se contrapondo a uma perspectiva única com relação à abordagem tradicional da gramática, assim como a indicação de vários usos da língua, no Ensino Médio mantém-se a aprendizagem da norma-padrão, mesmo ocorrendo situações e gêneros que requeiram outras variedades (BRASIL, 2017, p. 504).

A BNCC (BRASIL, 2017) orienta também sobre como os vários campos de atuação social devem ser trabalhados durante as aulas, definindo em quais práticas o professor pode abordar os temas do Ensino Médio, entre elas o uso de leitura, escuta, produção de textos, sejam orais, escritos ou multissemióticos. Nas aulas de Língua Portuguesa, a BNCC orienta os educadores a trabalhar também o fenômeno da variação linguística, visando a que o aluno possa refletir sobre a dinamicidade da língua, as variedades de prestígios e as estigmatizadas, com vistas à superação do preconceito linguístico:

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BNCC, 2017, p. 508).

Entretanto, o professor Egon de Oliveira Rangel (2017, apud, BNCC, 2022), em parecer sobre a Área de linguagens da BNCC, analisa que inconsistências sociolinguísticas na apresentação da área trazem pontos sensíveis para o ensino e que são contemplados de forma insatisfatória. No parecer, ele destaca que as normas urbanas de prestígios, responsáveis por uma situação que muitos linguistas brasileiros consideram como de diglossia, são tratadas exclusivamente em termos de norma culta, numa concepção ultrapassada pela pesquisa acadêmica na área Rangel (2017, apud, BNCC, 2022). Conforme o parecerista, os conhecimentos linguísticos são indevidamente identificados como relativos apenas à gramática, remetidos a uma

Building the way

visão de que a gramática tradicional deva ser assimilada à gramática da norma culta. Dessa forma, apesar da demonstração da relevância pedagógica da variação linguística, segundo o professor a BNCC reproduz equívocos já superados tanto na literatura científica quanto nos programas e produções didáticas voltadas para a formação do docente de Língua Portuguesa (RANGEL, 2017).

Com relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) publicados em 1998 pelo Ministério da Educação, evidencia-se que no Brasil, ainda que o português seja a língua materna, não se fala apenas esta língua, que tampouco é a mesma em todas as regiões. A existência de variações e/ou diferenças de uso não pode ser vista como um uso deturpado da língua e, neste sentido, os PCNs relacionam seis mitos sobre a língua portuguesa sobre os quais a escola precisa estar atenta para não reproduzir:

[...] o de que existe uma forma 'correta' de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala 'correta' é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso 'consertar' a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 1998, p. 31).

Ainda, os PCNs, ao se utilizarem de conceitos da sociolinguística, particularmente nas questões relacionadas ao certo/errado, indicam que no ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, a pretensão não é de levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes as escolhas de qual forma de fala ele quer utilizar, considerando as características e condições do contexto da produção, a fim de adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas:

Saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p. 31).

Os PCNs trazem também análises e indicações sobre o fato de a variação ser constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis, pois ela sempre

Building the way

existiu, independentemente de qualquer ação normativa. Portanto, quando se fala em Língua Portuguesa trata-se de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Ressalta, ainda, que a imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, implícita nas normas da gramática escolar, dos manuais e até mesmo dos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na prática da língua (BRASIL, 1998). Portanto, tanto os indicativos dos PCNs quanto os da BNCC têm muita relevância em relação a que as aulas de Língua Portuguesa possibilitem um ensino que vá além de uma única norma padrão privilegiando também que as habilidades de leitura, escrita, análise linguística e oralidade sejam desenvolvidas de modo dialógico e interligado. Todas essas competências são importantes, a fim de proporcionar aos alunos possibilidades de se comunicarem com eficiência nas diferentes situações e contextos.

Soares (2021) destaca que, embora as relações entre linguagens e classe social sejam extremamente relevantes para o ensino da língua Portuguesa no Brasil, especialmente nas escolas públicas, que servem às camadas populares, em geral as relações entre linguagem e classe social não são reconhecidas; reflete, ainda, que os conhecimentos que a sociolinguística e a sociologia têm produzido a respeito dessas relações também não vêm exercendo influência sobre esse ensino.

Considerações finais

Com base nas teorias de pesquisadores como Ferdinand de Saussure, William Labov, Marcos Bagno e Magda Soares e a utilização de publicações acadêmicas sobre Linguística, Variedades Linguísticas e Preconceito Linguístico, este estudo propôs discutir o tema do preconceito linguístico no ambiente escolar, através de uma revisão da literatura de autores da área.

De acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa, as análises das publicações demonstraram que, embora no Brasil exista uma enorme variedade linguística, ainda hoje predomina nas escolas o ensino da língua portuguesa padrão, uma gramática normativa ou “língua culta”, que representa somente uma parte da língua falada no país. Assim, em consequência desta imposição, segundo os autores

Building the way

analisados há um conflito entre língua e a norma, resultando daí o preconceito linguístico.

A escola é um lugar onde o preconceito linguístico encontra um ambiente muito propício para o seu crescimento, pois o ensino da língua portuguesa estabelece o limite entre o que é “certo” e o que é “errado” estigmatizando tudo o que foge a esse padrão. Dessa forma, ao desconsiderar as inúmeras variações linguísticas existentes, a escola rejeita a diversidade, insistindo no mito de uma unidade linguística.

A pesquisa para este trabalho mostrou, ainda, algumas contradições por exemplo, quando se trata dos avanços contidos nos PCN e na última versão da BNCC, que determinam os conhecimentos e as habilidades as quais todos os alunos e alunas têm o direito de aprender ao longo da sua vida escolar, independentemente da região, raça ou classe socioeconômica. Porém, na prática esse direito não tem sido efetivado na sua totalidade, pois milhares de crianças e jovens estão na escola sem, de fato, estarem sendo incluídos.

Os resultados demonstrados neste trabalho indicam que, dentre as dificuldades para a aquisição do saber pelos educandos, está o conflito entre a linguagem socialmente criada para atender as classes mais privilegiadas e a linguagem das camadas populares. Os autores utilizados no texto trazem reflexões sobre como o ensino da gramática pode ser excludente na escola, reforçando o preconceito linguístico e as situações de opressão existentes no ambiente escolar, visto que nas relações entre língua e poder o que prevalece é o prestígio ou a falta de prestígio social do falante.

Também é possível concluir que os autores não defendem que haja uma substituição integral da variedade falada pelo aluno, mas que a escola e outras instituições voltadas para a educação abandonem o mito da unidade do português brasileiro e passem a reconhecer a diversidade linguística e, dessa forma, trabalhar por uma educação linguística que respeite as diferenças e seja inclusiva.

Em substituição ao ensino prescritivo de língua materna, que tem o objetivo de levar o estudante a substituir a linguagem adquirida em seu meio social pelas linguagem e gramática normativa, deve se propor a realização de um trabalho de conscientização para que, no contexto escolar, o ensino da língua materna não se baseie na anulação da variedade linguística, porém buscando o entendimento de que

Building the way

a norma culta é tão somente mais uma entre as muitas existentes na grande diversidade linguística brasileira, e que todas merecem ser respeitadas.

A escola não pode estar alheia à linguagem que reflete a cultura popular, assumindo apenas a ideologia dominante. Ela é espaço da educação formal, mas também da formação cidadã, sendo o lugar em que o respeito às várias dimensões da diferença deve ser praticado. Como ressalta Bagno (2021), o preconceito é um sentimento, uma crença pessoal com relação a alguém ou alguma coisa; é, portanto, uma noção subjetiva e sua contrapartida é a discriminação. Esse autor lembra ainda que, na longa relação entre os povos, a língua sempre foi usada como instrumento para a veiculação de preconceito e de discriminação contra grupos sociais ou povos inteiros. Em sua opinião, não se pode combater o preconceito porque ele vive na mente de cada pessoa, mas a discriminação pode e deve ser combatida, porque ela prejudica o convívio social democrático. Assim, a educação precisa ter na sua centralidade o respeito à diversidade, e neste espectro, também um essencial respeito à diversidade linguística.

225

REFERÊNCIA

ALKMIM, Tânia. *Sociolinguística*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, Anna C.(orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3. ed. SP: Cortez, 2003.

ÂNGULO, Ricardo; BONIFACIO, Ligiane. *Preconceito linguístico e diversidade cultural- Um estudo feito com os alunos do 7º período de letras do instituto de natureza e cultura*. v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/3429.pdf><http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/3429.pdf>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

ARAÚJO, Arlene. *Preconceito linguístico do ambiente escolar*. 2017. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/sophiauta/Letras/TCC+on-line/TCC+Alene.pdf>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

ARAÚJO, Maria. *A Variação Linguística em Sala de Aula: Uma Proposta de Intervenção Reflexiva Sobre o Preconceito Linguístico*. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7601/2/arquivototal.pdf><https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7601/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. 352. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Building the way

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 09 de abril de 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

BRUM, Leila Amorim. *Preconceito linguístico na sala de aula de língua materna no 7 ano nas escolas municipais de Jaguarão*. 2011. Disponível em:
<https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/3646>. Acesso em 29 de abril de 2022.

CALVET, Louis-jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2007.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel MeisterKo. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios da Linguagem* – Revista Eletrônica de Linguística. Volume 4, 2010. Disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

ELIONAI, Aguiar. *PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA - atitude linguísticas constrangedoras*. 2012. Disponível em:
<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Psicolingu%C3%ADstica/Elionai%20Aguiar%20-%20PRECONCEITO%20LINGU%C3%8DSTICO%20EM%20SALA%20DE%20AULA%20-%20E2%80%93.pdf>
<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Psicolingu%C3%ADstica/Elionai%20Aguiar%20-%20PRECONCEITO%20LINGU%C3%8DSTICO%20EM%20SALA%20DE%20AULA%20-%20E2%80%93.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Karini; LEAL, Tainá. *Diversidade linguística e preconceito no contexto escolar: Reflexão a partir da visão de alunos e professores*. 2018. Disponível em:
http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14665/1/PB_COLET_2018_2_20.pdf
http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14665/1/PB_COLET_2018_2_20.pdf. Acesso em: 24 de abril de 2022.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. 392. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In:

Building the way

Revista Katálogo, Florianópolis, v.10, n. 1, p.37-36, 03 abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>. Acesso em: 09 de abril de 2022.

MARTINS, Maridelma; BERLINCK, Rosane. *Preconceito Linguístico: O declínio começa na escola*. V.4, n. 6, 2011. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1082/965><https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1082/965>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisas qualitativas em saúde*. São Paulo (SP): Hucitec, 2014. 393p.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 200. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 10 de março de 2022.

MOURA, Tania Maria de Melo. *A prática pedagógica dos alfabetizadores de Jovens e Adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky*. – Maceió; EDUFAL, 1999.

PEREIRA, Cherma; FRANCÊS JUNIOR, Celso. *O preconceito linguístico no âmbito escolar brevense*. 2014. Disponível em: https://www.coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/8_cherma.pdfhttps://www.coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/8_cherma.pdf. Acesso em: 21 de abril de 2022.

PEREIRA, Nágila; MARINS, Germano. *Preconceito linguístico nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental*. 2020. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/3519/1/PreconceitoLingu%c3%adstico%20nas%20aulas%20de%20L%c3%adngua%20Portuguesa%20no%20Ensino%20Fundamental.pdf><http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/3519/1/PreconceitoLingu%c3%adstico%20nas%20aulas%20de%20L%c3%adngua%20Portuguesa%20no%20Ensino%20Fundamental.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2022.

PREZENSZKY, Bruno Cortegoso; MELLO, Roseli Rodrigues. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v.19, n.63, p. 1569-1595, out./dez. 2019. Disponível em: [25221-Texto%20do%20Artigo-24120-51293-10-20191220.pdf](https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/NailaLinsdaTexto%20do%20Artigo-24120-51293-10-20191220.pdf). Acesso em: 09 de abril de 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 275. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Naila. *O preconceito linguístico na sala de aula*. 2009. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/NailaLinsda

Building the way

[Silva.pdfhttp://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Naila%20Lins%20da%20Silva.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Naila%20Lins%20da%20Silva.pdf). Acesso em: 23 de abril de 2022.

SILVA, Silvio Nunes. *As concepções dos professores sobre o uso das variações linguística e prática de preconceito linguístico em sala de aula no ensino fundamental*. 2017. Disponível em:

https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/256. Acesso em: 28 de

abril de 2022.

SILVA, Lilian Santos; MACHADO, Tânia. *Preconceito linguístico: uma perspectiva do 6º. ano do ensino fundamental*. 2021. Disponível em:

<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/264>. Acesso em 29 de abril de 2022.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola*. 160.18. ed. São Paulo: Contexto, 2021.